

Reprodução do "Gazeta", 4/12/83

# CORA



*Cora doceira, poeta, mãe, mulher!*

## Mulher do Povo, Mulher do Mato, Mulher do Mundo.

*Cora Coralina foi uma das maiores poetisas que este país já teve. Seu nome completo, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, leva-nos ao subsolo dos primeiros povoadores do Planalto Central. Neste artigo, recompilação de sua tese de mestrado, a prof<sup>a</sup> Marlene de Vellasco,*

*curadora da Casa de Cora em Goiás-Velho mostra, de uma parte, a Cora Coralina feminista, protetora das prostitutas e das lavadeiras, e de outro aspecto a Cora Telúrica - A mulher da terra, da ecologia do cerrado, do milho, da messe da natureza.*

### MARLENE DE VELLASCO

Casa de Cora Coralina

**A** Mulher do Povo — O engajamento literário é visto por alguns teóricos de uma forma bem dilatada, talvez como mecanismo de abolir o termo radicalizado de compromisso ou arte independente, deixando explícito ou implícito que a verdadeira obra de arte é o reflexo da história e do homem. Para Adorno, "não há um conteúdo objetivo, nem uma categoria formal da poesia, por mais irreconhecivelmente transformado e às escondidas de si mesmo, que não processa da realidade empírica a que se furta". Com isso e com o reagrupamento dos diferentes aspectos, graças às suas leis formais, a poesia condiciona seu comportamento para com a realidade. Para Cassiano Ri-

cardo, "o poema, independentemente de qualquer forma de participação, deve conservar sua autonomia que o fará responsável por si mesmo, a fim de que possa cumprir, por conta própria, o seu papel participante, na sociedade moderna", descartando-lhe as múltiplas possibilidades de desvelar o mundo conforme sua própria vontade e o "homem aos outros homens para que este tome, em face do objeto, assim desnudado, a sua inteira responsabilidade".

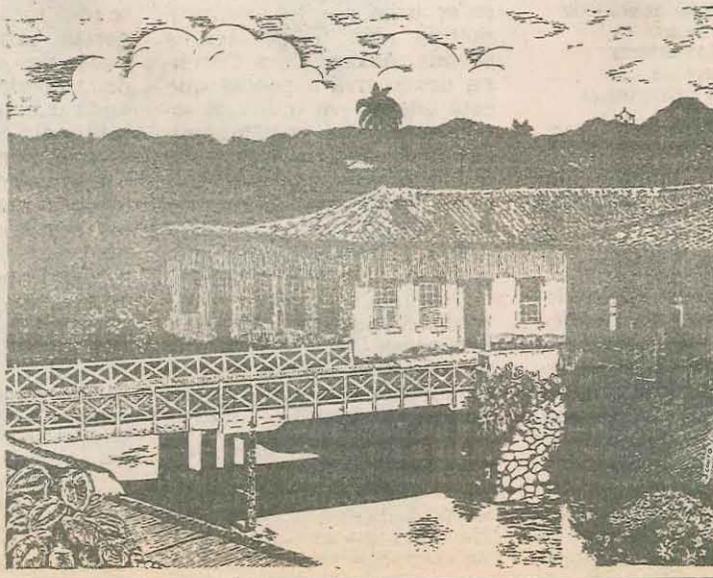
Neste sentido, podemos delinear o comprometimento de Cora Coralina ao levar para a sua poética todas as mazelas do mundo, registrando a vida degradada das personagens que povoam sua vida, tanto na terra natal, como em outras para-

gens, assumindo e denunciando de forma crítica toda a sociedade que desumaniza a pessoa. Cora Coralina traz para o texto os tipos inúteis que vivem à margem da sociedade, colocando-se ao mesmo nível deles. Ela é o próprio sujeito, é a identificação do sujeito-poeta com esse povo que anda pelo residual da vida, espoliado de uma existência digna.

No poema "Mulher da vida", Cora Coralina se torna sua aliada e cúmplice na defesa e ataque, o que lhe dá força para sair vitoriosa e assumir, no próprio discurso, a condição de sobrevivente de uma classe oprimida. E de se autocontemplar. Possibilita a reviravolta final de posição e do domínio do próprio sujeito,

mediatizado pelo instrumento de sobrevivência e principalmente de opressão. A poetisa, com todo o vigor, renasce à medida

que participa da miséria do outro, aliando a condição existencial à social, dizendo sem subterfúgio, sem máscara:



**CASA VELHA DA PONTE — Cidade de Goiás**  
"Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas e eu me fiz ao largo da vida. Vestida de cabelos brancos voltei à "Casa Velha da Ponte", barco centenário — encalhado no Rio Vermelho. Cora Coralina (Meu Livro de Cordel) Nesta casa nasceu Cora Coralina.

## 6 Mulher da vida minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.  
Desprotegidas e exploradas.  
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.

Necessárias fisiologicamente.  
Indestrutíveis.  
Sobreviventes.  
Possuídas e infamadas sempre  
por aqueles que um dia  
as lançaram na vida.  
Marcadas. Contaminadas.  
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.  
Nenhum estatuto ou norma as pro-  
tege.  
Sobrevivem como a erva cativa  
dos caminhos,  
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal  
gerada nos viveiros da miséria  
da pobreza e do abandono,  
enraizada em todos os quadrantes  
da terra.

Um dia numa cidade longínqua,  
essa  
mulher corria perseguida pelos  
homens  
que a tinham maculado. Aflita, ou-  
vindo  
o torpel dos perseguidores e o sibi-  
lo  
das pedras,  
ela encontrou-se com a justiça.

A Justiça estendeu sua destra po-  
derosa  
e lançou o repto milenar:  
"aquele que estiver sem pecado  
atire a primeira pedra".  
As pedras caíram  
e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra  
de equidade:  
"Ninguém te condenou, mulher...  
nem  
eu te condeno".

(...)  
Sem cobertura de leis  
e sem proteção legal  
ela atravessa a vida ultrajada  
e imprescindível, pisoteada, explo-  
rada,  
nem lhe reconhece direitos  
nem lhe dá proteção.  
E quem já alcançou o ideal dessa  
mulher,  
que um homem a tome pela mão,  
e levante e diga: minha compa-  
nheira.

Mulher da vida  
minha irmã.

No fim dos tempos.  
No dia da grande Justiça  
do Grande Juiz.  
Será remida e levada  
de toda condenação.

E o Juiz da Grande Justiça  
a vestirá de branco  
em novo batismo de purificação.  
Limparás as máculas de sua vida  
humilhada e sacrificada  
para que a Família Humana  
possa subsistir sempre,  
estrutura sólida e indestrutível  
de todos os povos,  
de todos os tempos.

Mulher da vida  
minha irmã.

A leitura desse texto le-  
va-nos ao cerne da poética  
de Cora Coralina. Nele há a  
construção de uma perso-  
nagem enredada na dupli-  
cação do outro e Cora-mu-  
lher-da-vida, como ponto de  
união das essências. É a  
vontade da poetisa em triun-  
far do nada, dos escombros  
da humanidade, vencer a fa-  
talidade. Ainda no contexto  
do poema, a interação da



poetisa com a mulher da vi-  
da não figura somente como  
solidariedade, mas sobretudo,  
pela ancestralidade que,  
no dizer de José Fernandes,  
"não é apenas um fator de  
aproximação, mas de inter-  
ligação e de conexão com o  
outro em que dá-se a busca  
da humanidade". Assim, ao  
interligar-se ao outro, dá-se  
a busca de si mesma, intro-  
jetando no outro a sua ver-  
dadeira identificação. Por  
outro lado, é também uma  
tomada de posição frente à  
realidade concreta, uma crí-  
tica implícita dos valores  
puramente verbais, tornan-  
do-se uma poetisa compro-  
metida com os problemas  
sociais. Assim, Cora Corali-  
na desenterra a poesia que  
está latente em todos os se-  
res, mesmo os mais insigni-  
ficantes, confirmando, deste  
modo, a postulação de Ma-  
nuel Bandeira: "poesia é o  
eté em que tudo é mergu-  
lhado e que, por sua vez,  
penetra em tubo".

Outro tom forte de com-  
prometimento manifesta-se  
no poema "Vida de lavadei-  
ra". Cora, ao tematizar a la-  
vadeira, endossa o tipo de  
linguagem que ela libera, e  
efetua-se ao mesmo tempo o  
desgaste de um corpo e de  
uma escrita, da escrita do  
corpo e do corpo da escrita.  
Há em todo texto um tecer  
de verdades. Uma tendência  
para refletir, cada vez mais,

sobre o sofrimento dos des-  
protegidos. Suas person-  
agens não surgiram do acaso,  
são frutos das experiências  
pessoais, sublimados os  
percalços da sua vida, atra-  
vés de identificação com o  
outro, que se apresenta co-  
mo o outro dela mesma e  
uma forma de atravessar as  
fronteiras da própria exis-  
tência. Sob este prisma, nos  
versos do poema "Vida de  
lavadeira" vibra um eu  
consciente e assumido, pois  
se o poema se não se encai-  
xa à vida, perde sua razão de  
ser. Por outro lado, a figura  
da lavadeira está direta-  
mente relacionada a outras cate-  
gorias profissionais, enre-  
dadas nas malhas da verda-  
deira escravidão do mundo,  
onde o conflito interior e a  
luta pela sobrevivência se  
acham comprometidos com  
o discurso do poder. As limi-  
tações e o estilhaçamento do  
ser humano se comprovam  
na linguagem e na partici-  
pação da poesia, na miséria  
de condição humana, como  
mostram estes versos:

Sombra da mata  
sobre as águas quietas  
onde as iaras  
vêm dançar à noite...  
Façamos versos sem mentir  
— onde batem roupa  
as lavadeiras pobres

Sombra verde dos morros  
no poço fundo

da Carioca  
onde as mulheres sem marido  
carregadas de necessidades  
mães de muitos filhos  
largadas pelo mundo  
batem roupa nas pedras  
lavando a pobreza  
sem cantiga, sem toada, sem  
alegria.

Quero escrever versos verdadeiros  
Por que será, Senhor,  
que a mentira se insinua  
nos meus versos?  
Onde vive você, poeta, meu irmão  
que faz versos sem mentir?

É a partir da busca da ver-  
dade da poesia que Cora Cor-  
alina faz o questionamento  
sobre o mundo e a condição  
humana toma posição frente  
à realidade concreta. Octávio  
Paz observa que "poesia é  
revelação da condição hu-  
mana e consagração de uma  
experiência histórica con-  
creta". Assim, para a poeti-  
sa essa participação poética  
é o compromisso de si mes-  
ma com o homem e sua  
condição social, histórica e  
existencial. Cora Coralina  
não se fecha em seu fazer  
poético, ela enfrenta o mun-  
do quando o questiona. E  
sentimos quando ela passa  
da própria solidão à solida-  
riedade. A poetisa chega a  
ser irônica consigo mesma  
ao efetuar a pergunta: "On-  
de você vive poeta, meu ir-  
mão/ que faz versos sem  
mentir?"

Cora Coralina faz a per-  
gunta às outras pessoas,  
mas é dela mesma que quer  
ouvir a resposta. Este olhar  
para a alteridade que a leva  
a questionar o compromisso  
do poeta com a verdade e o  
comprometimento com a  
realidade social é o que lhe  
permite maior aproximação  
com a totalidade e maior  
consistência com a história,  
pois, como afirma Octávio  
Paz "o poema, ser de pala-  
vra, vai mais além das pala-  
vras e a história não se esgo-  
ta no sentido do poema; mas  
o poema não teria sentido e  
nem sequer existência, sem  
a história, sem a comunida-  
de que o alimenta e a qual  
alimenta". É aí que cami-  
nha a poesia de Cora Corali-  
na, participativa, question-  
adora, encontrando resson-  
ância, porque do cotidiano  
e das vivências pessoais.

A pergunta da poetisa ao  
final do verso presentifica a  
paráfrase do discurso do po-  
der, pois à medida que  
aponta para o discurso da  
verdade, a mentira se ins-  
taura, como elemento ca-  
muflador da realidade. As-  
sim, a poetisa passa a bus-  
car no outro a linguagem  
que não lhe é facultada.

De certo modo, "o povo  
humilhado" que percorre a  
poética coralineana não  
aparece como objeto pito-  
resco, mas como pessoas de  
existência concreta que têm  
como referentes seus ins-  
trumentos de trabalho, co-  
mo podemos observar no  
poema "Todas as vidas":

Vive dentro de mim  
a lavadeira do Rio Vermelho.  
Seu cheiro gostoso  
d'água e sabão.  
Rodilha de pano.

Trouxa de roupa,  
pedra de anil.  
Sua coroa verde de são caetano.

Vive dentro de mim  
a mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola.  
Quitute bem feito.  
Panela de barro.  
Taipa de lenha.  
Cozinha antiga  
toda pretinha.  
Bem cacheada de picumã.  
Pedra pontuda.  
Cumbuco de coco.  
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim  
a mulher roceira  
— enxerto da terra,  
meio casmurra.  
Trabalhadeira.  
Analfabeta.  
De pé no chão.  
Bem parideira.  
Bem criadeira.  
Seus doze filhos.  
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim  
a mulher da vida.  
Minha irmãzinha...  
tão desprezada...  
tão murmurada...  
Fingindo alegre seu triste fado.

O poema "Todas as vidas"  
é uma síntese de sua eidade  
que se funde à essência dos  
outros, aos afazeres dos ju-  
stos. Assim, a poetisa en-  
contra a essência de si  
mesma. Assimilando a ex-  
periência constante com os  
outros seres é que ela con-  
segue alcançar a essência de  
cada um deles e se fazer o  
duplo deles. O tempo pre-  
sente corresponde a um de-  
finido espaço social e histó-  
rico, como afirmação inte-  
gral do ser. Deste modo, Co-  
ra instaura e constitui uma  
visão de mulher, pois, con-  
forme Octávio Paz, "o ho-  
mem se realiza ou se com-  
pleta quando se torna outro.  
Ao se tornar outro, se recu-  
pera, reconquista seu ser  
original, anterior à queda ou  
ao despertar no mundo, an-  
terior à cisão em eu e outro  
14". Com isso, diríamos que  
a poetisa se completa quan-  
do busca para si todas as  
vidas, submersas dos es-  
combros da miséria, da into-  
lerância do homem. Tenta  
com isso desnudar as feridas  
da sociedade, elevando a voz  
polifônica a entoar um him-  
no de solidariedade e buscar a  
transformação social do  
homem e do mundo. A op-  
ção pelo residual do huma-  
no, é o fio a tecer sua poéti-  
ca, que tem um compromi-  
so humanitário. Ao se vivifi-  
car em lavadeira, mulher  
cozinheira, mulher roceira,  
mulher da vida, simbolicamente  
atinge a imortalidade  
porque transubstanciada na  
vastidão do Cosmos.

**Cora, ecológica** — Para  
Alceu de Amoroso Lima, o  
regionalismo literário, como  
registro de uma região, se  
manifesta "pela predomi-  
nância da terra sobre o ho-  
mem", enquanto que no te-  
lurismo ocorre a interioriza-  
ção dos elementos culturais  
e paisagísticos, "concorren-  
do para a existência de uma  
simbiose entre o homem e a  
terra". No regionalismo não  
se promove a ascensão do  
homem ao universal. O que  
se dá é fixação ao local, sem  
o transcurso da existência.  
Já no telurismo, se processa  
a fusão do homem com a

terra, exercendo um poder de elevação, um direcionamento para o encontro de sua linguagem e de sua essência.

Assim, as características locais são de tal modo metamorfoseadas que se transmudam em linguagem, em imagens e matérias poéticas que simbolizam a região. É o que acontece em "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais", onde os elementos da terra são expressão de uma linguagem universal. Em decorrência, a obra coralínea converge para a definição de uma poética do telurismo onde a terra, a árvore, os frutos, os cereais, os animais saem da tessitura da reminiscência e se metonimizam em objetos do chão. O eu da poetisa se vê percebido pelas coisas do chão, pelo universo telúrico. Urge responder ao convite da terra que é o elemento vital de sua alquimia poética e elemento restaurador de sua essência no poema. É responsável pelo retorno à primatidade mítica, como podemos verificar neste fragmento:

Eu sou o amor à terra. Sou o amor à gleba.  
Tenho uma profunda identificação com a terra e aos que nela trabalha. Me sinto profundamente identificada com ela.

As fontes do telurismo, ou seja, a natureza, o homem e as tradições extravasam o interior da poetisa, porque filtrado pela sensibilidade, pelo amor à terra e aos que nela trabalham. A terra é a força que inunda o universo da linguagem. E todas as coisas que se igualam ao ser humano assumem atributos humanos, tornando possível um graveto ser o homem.

Sou árvore, sou tronco, sou raiz,  
folha,  
sou graveto, sou mato, sou paiol.  
E sou a velha tulha de barro.

Os signos, assim entendidos, trazem para o texto as coisas do chão. O real, as palavras e os motivos são transmudados em linguagem telúrica, para se transsubstanciar em novas formas de ser, para se igualarem ao ser humano, para atingir a carga máxima da poeticidade, porque poema não é senão "um romper os muros temporais, para ser outro" como dizia Octavio Paz. Incorporar os objetos da natureza, antes de tudo, é ampliar o universo do ser para a apreensão da realidade concreta.

Cora Coralina redimensiona a linguagem e assume o eu com os objetos nomeados, criando e deslocando novos sentidos sob o significado do signo que, **a priori**, aponta para a matéria do chão, para o inorgânico.

A fusão dos elementos da natureza com o eu poético tem sua origem na própria terra, pois, segundo a poetisa, todos os componentes da realidade têm sua origem no chão, inclusive o homem, o

que confirma o seu telurismo e a inserção no Cosmos, pois "O Cosmos é um organismo vivo, o que se renova periodicamente, e o seu modo de ser" e a sua capacidade de regenerar é expressa simbolicamente pela vida da Árvore, no dizer de Eliade.

No poitar da poetisa se instaura um mundo em que qualquer coisa, seja árvore, um pássaro, um graveto, um paiol, perde seu sentido natural, transsubstanciando-se em nova forma de ser, a simbiose do ser com a totalidade do universo:

Pela minha voz cantam todos os  
pássaros, piam as cobras,  
e coaxam as rãs, magem todas as  
boiadas que vão pelas estradas.

Segundo o autor de **A loucura da palavra**, J. Fernandes, "o simbolismo da árvore, ligada à vida pe-

rene, não poderia dispensar, conjuntamente, a simbologia dos frutos". Colocamos o milho nesta trilha, uma vez que ele é situado pela poetisa no "Poema do milho", como planta sagrada, o arquétipo da renovação da vida e da infinitude. Ele é o canto da personificação do vegetal e da exaltação da força da natureza "ou a mais brilhante poetização da febre genética do vegetal", na concepção de Oswaldinho Marques. A poetisa, sábia, num único signo condensa os significados. Vejamos o poema "Oração do milho":

Senhor, nada valho.  
Sou a planta humilde dos quintais  
pequenos e das lavouras pobres.  
Meu grão, perdido por acaso,  
nasce e cresce na terra,  
descuidada.  
Ponho folhas e haste, e se me  
ajudares, senhor,  
mesmo planta de acaso, solitária,  
dou espigas e devolvo em muitos  
grãos  
o grão perdido inicial, salvo por

milagre,  
que a terra fecundou.  
Sou a planta primária da lavoura.  
Não me pertence a hierarquia  
tradicional do trigo,  
de mim não se faz o pão alvo  
universal.  
O Justo não me consagrou Pão da  
Vida, nem lugar me foi dado nos  
altares.  
Sou apenas o alimento forte e  
substancial dos que trabalham a  
terra, donde não vingam o trigo  
nobre.

Diríamos que a transmutação da poetisa em outros elementos da natureza, usando palavras de Heidegger, tem relação com "as angústias metafísicas oriundas do invólucro da miséria e limitações que impõe o estar no mundo". Assim, fundir-se ao milho, planta humilde dos quintais pequenos e lavouras pobres, vale dizer que o seu mundo é a reimplantação da condição miserável de vida por que passou, é a necessidade de fugir da solidão material e criar novos seres e domi-

nar o Cosmos, como forma de assegurar o tempo indefinível.

Portanto, Cora Coralina é aquela que busca, na intimidade do vegetal, o subtrato de sua vida, para transportá-la, através da sua palavra vibrante, às profundidades metafóricas da arte poética. Arrancar da neutralidade dos signos a essência do poético, porque "a poesia é a forma que contorna o caos da existência e lança o homem para o ser ou, pelo menos, para a possibilidade de ser", ensina J. Fernandes. Desta forma, a poetisa, ao criar realidades absurdas à lógica, está através da poesia ganhando o sentido sem sentido da existência.

O ser também se vegetaliza para tirar do chão o significado da vida. É com o "poema do milho" que a autora realiza o seu melhor trabalho poético, numa explosão de amor à natureza, onde o lavrador se transsubstancia no próprio elemento — a terra, para dela retirar as suas possibilidades de atualização, deixando instalar-se a sua passagem para o vegetal:

Çavador de milho, que está  
fazendo?  
Há que milênios vem você  
plantando?  
Capanga de grãos dourados a  
tiracolo.  
Crete da terra. Sacerdote da  
terra. Pai da terra.  
Filho da terra. Ascendente da  
terra.  
Descendente da terra.  
Ele mesmo, terra.

Assim, diríamos que a força telúrica coralínea está enraizada na terra e, como já vimos, ela corrobora para a definição de sua poética, ela aparece em seu sentido primeiro como a **terra mater** "que dá nascimento a todos os seres", de que fala Mircea Eliade. Portanto, ao retomar o significado da terra em sua tessitura poética, dá-se o movimento da Gênesis, onde tudo se cria e se recria. Comprova-se que só a substância telúrica é capaz de tornar possível a reconstituição da vida, de que a terra é geradora do movimento perpétuo da criação, cuja energia é capaz de regenerar o próprio ser e transformá-lo em guardador do cíclico da vida que a alquimia telúrica instaura.

Concluindo, diríamos que é fundamental a força telúrica na feitura dos versos coralíneos. Um telurismo transfigurado que delinea os limites do geográfico e do regional para atingir o universal dos seus poemas.

MARLENE GOMES DE VELASCO — é diretora da casa de Cora Coralina, na antiga Vila Boa, hoje Cidade de Goiás. É mestra pela Universidade Federal de Goiás, de cuja tese extraímos alguns excertos para o presente texto.

Endereço para correspondência: Casa de Cora Coralina — Rua do Rosário — Cidade de Goiás.

